

21

CAPÍTULO

A ROTINA PRECARIZADA DAS MULHERES QUE TRABALHAM NOS SUPERMERCADOS

Cardoso, Deanne Teles ^{1*}; Neto, José Vieira ²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia-RC/UFG
Bolsista CAPES. Membro do NEPSA/CNPq-UFG

² Professor/Orientador do Programa de Pós-Graduação em Geografia-RC/UFG
Pesquisador do NEPSA/CNPq-UFG

* email: deannetc@hotmail.com

RESUMO

A mulher está mais presente nos espaços públicos ocupando lugares que são seus de direito, como nas Universidades e principalmente ocupando cargos nos postos de trabalhos vendendo sua força de trabalho e recebendo como pagamento uma remuneração mensal, o salário. E ao chegarem a suas casas realizam o trabalho doméstico no espaço reprodutivo não remunerado. Com o enfoque principal para as mulheres trabalhadoras nos supermercados que na incessante luta pela busca da inserção e conquista do seu espaço no mercado de trabalho se sujeita a condições máximas de precarização. O que se propõe então é compreender o papel que a

mulher desempenha atualmente na sociedade, como dona de casa, mãe, e quando trabalha, como contribuinte para a economia mercantil, buscando compreender a atuação da mulher como trabalhadora, colocando em foco sua historicidade, sua luta, conquistas e produção, de acordo com a análise realizada na atividade laboral feminina, bem como levando em consideração as relações de gênero no contexto do trabalho.

Palavras-chave: Mulher; Trabalho; Gênero

1. INTRODUÇÃO

O advento da Revolução Industrial e a afirmação da burguesia como a classe social que passara então a dominar a vida econômica, fez surgir o proletariado feminino, que em decorrência do desenvolvimento das indústrias fez a mulher deixar o trabalho no lar e o transferisse para as fábricas. Estando os homens presentes nas áreas mais valorizadas das fábricas ocupando cargos que exigiam um maior conhecimento técnico e as mulheres assumindo as funções de trabalho manual com menor exigência de qualificação e na maioria dos casos realizando trabalhos repetitivos e em regimes temporários, tornando-se uma desigualdade muito evidente na vida da mulher trabalhadora que sofre com as consequências das imposições do capital.

O capital torna-se fator determinante do modo de vida do homem, variando de acordo com seu acesso a ele por meio do trabalho, o qual o proletariado é obrigado a aceitar determinadas condições, como jornadas abusivas, intervalos reduzidos e baixa remuneração, já que nas cidades, não há emprego para todos e são poucos os que conseguem, já que as cidades sofrem as redefinições tecnológicas e gerenciais do mundo do trabalho (THOMAZ JR., 2001).

De acordo com Catani (1994, p. 29), a força de trabalho humana é uma mercadoria, que passa a ser trocada por dinheiro na sociedade capitalista que permite a exploração total da mão de obra operária para fins lucráveis e o acúmulo de capital, afirmando a desigualdade social.

O mundo do trabalho vem sofrendo mudanças ao longo do tempo, e a afirmação da mulher como trabalhadora é um dos sinais dessa transformação uma vez que a mulher sempre trabalhou da mesma forma que o homem, participando do sistema produtivo e até mesmo em lutas, batalhas e guerras. Um trabalho duro e em momento algum reconhecido, eis então a questão, a ausência do reconhecimento do trabalho feminino. Por vários momentos a mulher teve e tem até os dias atuais que lutar pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho, de seus feitos e competências constituindo a problemática que por toda a história feminina torna-se um entrave na vida de praticamente todas as mulheres que hoje desempenham diversos e distintos papéis. Compreender contemporaneamente a classe-que-vive-do-trabalho desse modo ampliado, como sinônimo de classe trabalhadora, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes. (ANTUNES, 2009, p. 104).

A atualidade exige que se construa uma nova forma de se pensar na mulher, no feminino, enquanto construção de seu próprio espaço e a Geografia está a frente dessa discussão, uma vez que estudar a inserção da mulher no mercado de trabalho, torna-se relevante para a sociedade que recebe uma nova mulher que enquanto realiza sua atividade laboral causa transformações em uma estrutura hierárquica patriarcal e altera o cenário global como um todo, onde a perspectiva de análise de gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina (CISNE, 2012 p.22).

O que pode então ser modificada, já que a mulher busca constantemente seu reconhecimento na sociedade em que vive, segundo o contexto vivenciado.

2. A MULHER NA CONQUISTA DO SEU ESPAÇO NO MERCADO DE TRABALHO

Essa pesquisa tem como objetivo desencadear uma discussão que aborda o cotidiano de mulheres que trabalham em supermercados que após suas instalações fizeram com que a população se deparasse com a possibilidade de realizar suas compras em lojas que reproduzem o cotidiano das grandes cidades, com espaços bem iluminados, música ambiente, diversidade de produtos, inúmeras máquinas para o atendimento e para as trabalhadoras surge a possibilidade de um emprego com remuneração mensal.

A evolução da sociedade de economia capitalista criou uma nova mulher, que sai de casa para trabalhar, ajudar, e em alguns casos assumir totalmente o orçamento doméstico como responsáveis pelo lar e chefes de família. A mulher deixou de realizar somente os serviços da casa que realizava sozinha sem ajuda e/ou participação do homem, simplesmente por uma questão machista que por meio de imposição coloca o trabalho doméstico como atribuição apenas a ela e esta deveria realizá-lo sem qualquer remuneração. Hoje é mãe, filha, dona de casa, esposa, estudante e trabalhadora entre outras funções, e ao assumir os mais variados papéis os desenvolvem com a maior competência.

Estudar o trabalho feminino torna-se cada dia mais necessário, pois, é notável a crescente participação da mulher nos diversos setores da economia, política e do social como um todo, e que no momento é posto em questão o cotidiano de inúmeras mulheres no mercado de trabalho, mostrando a

evolução e a superação bem como as conquistas profissionais. Em contrapartida essa mulher de depara com as más condições para a realização do mesmo e principalmente com a remuneração ainda muito inferior, como afirma Antunes (2009):

Vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho part time, precarizado e desregulamentado. [...] Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. (ANTUNES, 2009, p.105)

A discussão sobre a categoria trabalho, assim como também as questões de gênero aparecem no cenário da Geografia, enquanto estudo das transformações do cotidiano a partir das relações de produção e reprodução do espaço, onde a divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais precarizados e desvalorizados (CISNE, 2012, p. 109).

A mulher entra na busca pela conquista do seu espaço no mercado de trabalho, e ao conquistar o direito de trabalhar enfrenta e supera barreiras que a obriga assumir vários papéis que vão além de provedora econômica, já que a educação dos filhos e as atividades domésticas ainda são responsabilidades femininas como observa Antunes (2009).

A mulher trabalhadora, em geral realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, [...] E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo [...] no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital a sua reprodução). (ANTUNES, 2009, p.108)

A dupla jornada de trabalho também é vista por Nogueira (2011) ao evidenciar que a mulher trabalhadora padece de uma dupla (e às vezes tripla) e desigual jornada tanto no espaço do trabalho quanto no universo da reprodução. É nesse cenário que irá transcorrer o texto, na evolução da sociedade capitalista que cria e reproduz um modelo de trabalho de exploração da mão-de-obra,

com enfoque principal para a luta da mulher na conquista do seu espaço nesse mercado de trabalho, na busca incessante pela sua emancipação como integrante da população economicamente ativa.

A mulher hoje constitui a maior parcela da população brasileira, estando presente também em maior número nas universidades, objetivando uma melhor preparação para assumir os papéis de controle, chefia e comando. Embora sabido que muitos obstáculos terão que ser superados, dentre eles o descumprimento de leis que garantem que homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades de emprego e direitos semelhantes, os quais na prática não acontecem, por mais que o mundo do trabalho está presenciando uma feminização. (NOGUEIRA, 2011 p.108)

Acreditava-se, ou melhor, determinava-se que o papel da mulher e o papel do homem estavam bem definidos e estabilizados por tradições e costumes conservadores, porém, o cenário mudou. E isso se deu em função do desenvolvimento político, social, econômico e cultural do país nas últimas décadas, influenciando e modificando a maneira de pensar, agir e viver das mulheres brasileiras como um todo.

A mulher atual busca não mais ser dependente do homem nos diversos sentidos e principalmente financeiramente o que significa uma tarefa nada fácil de ser realizada e nem tão próxima de ser conquistada. A mulher não pensa igual ao homem em vários momentos e isso a proporciona desafios, a leva optar por escolhas que lhes ocasiona ganhos e perdas como principalmente a maternidade, que é retardada e até abdicada em algumas situações em troca de uma carreira profissional bem sucedida.

Os dados recentes de pesquisas demonstram que as mulheres são obrigadas a realizar tarefas semelhantes a dos homens por salários inferiores com rendimento médio de cerca de apenas 72,3% do valor que recebem os homens conforme dados da Pesquisa Mensal de Emprego 2012 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, e se sujeitarem a péssimas condições de trabalho, para assumir um importante papel enquanto integrante da população economicamente ativa, participando da população ocupada com 94,8% da mão-de-obra feminina empregada nos serviços domésticos, seguido dos empregos na Administração Pública 64,1% e posteriormente no comércio 42,6%, quando fundamentalmente se concentram na carga horária parcial, conforme Nogueira (2011), quando constata que podemos afirmar que os trabalhos de jornadas parciais estejam mesmo reservados para as mulheres trabalhadoras porque culturalmente (e por interesse da própria lógica do capital) na sociedade patriarcal, as prioridades femininas residem fundamentalmente na esfera doméstica. (NOGUEIRA, 2011 p. 94)

A conquista do trabalho, o alcance desse estágio na condição de mulher não foi e ainda não é nada fácil. Há algumas funções que são somente destinadas a elas e conseqüentemente mal remuneradas, fazendo justo o significado do verbo trabalhar que se associa a tortura, sofrimento e dificuldades. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho. (ANTUNES, 2009, p. 105)

Faz-se importante saber quem são essas mulheres, quais os outros papéis que elas desenvolvem em seu cotidiano, como também reconhecer as diferenças existentes entre gênero impostas no ambiente de trabalho dos supermercados resultante da participação da mulher no comércio como trabalhadora, pois ao sair de casa e ir para o trabalho a mulher transforma todo um sistema histórico e social onde o patriarcado é predominante e faz sujeita da submissão e da exclusão social, quando o marido é o provedor financeiro da família e a mulher realiza o trabalho doméstico não remunerado e quando sai de casa para trabalhar se torna uma provedora complementar confirmando a desigualdade na divisão sexual do trabalho. (NOGUEIRA, 2011 p. 23)

Ao adentrar nos supermercados é facilmente possível perceber a presença da mulher realizando seu cotidiano de trabalho. Visivelmente elas estão em maior número realizando as mais variadas tarefas como nos caixas, nas padarias, nos balcões de atendimento ou na limpeza dos mesmos, e é por essa razão que a mulher trabalhadora nos supermercados se torna o sujeito da pesquisa em questão. A rotina diária é cansativa, são muitas horas dedicadas ao trabalho remunerado e também ao não remunerado, ou seja, ao trabalho doméstico, que é realizado no horário posterior à escala de labor nos supermercados ou anterior a mesma quando essa inicia-se no período vespertino. Tomando como referência as operadoras dos caixas nos supermercados, podemos evidenciar que inúmeras são atividades para elas destinadas, cuidar da limpeza e manutenção dos equipamentos, abastecer o caixa como mercadorias, passar as compras, informar o valor da compra ao cliente, em muitos casos empacotar e acomodar as sacolas nos carrinhos, receber e realizar o troco, além de receber boletos de cobrança, vender recarga de celular. Tudo realizado de forma repetitiva e intensa, com precisão e no menor tempo possível a fim de satisfazer as necessidades da clientela contribuindo para a intensificação da exploração da mão de obra trabalhadora.

Rochefort (1998) afirma que, na organização da vida econômica da modernidade vários serviços entre eles bancos, escolas, comércios e serviços de saúde se tornam cada vez mais indispensáveis para as cidades. O século XIX trouxe transformações técnicas e econômicas ao Brasil e com a chegada de

novas tecnologias os supermercados que é onde se dará o estudo eram pequenos comércios, evoluíram e se transformaram em lojas de livre serviços, tornando forma dominante de vendas a varejo.

O amplo e movimentado espaço reservado para as compras não lembra mais em nada os armazéns e mercearias de secos e molhados com seus balcões e os mantimentos para serem vendidos à granel.

Hoje o entra e sai de pessoas das mais variadas classes sociais se dá pela busca de produtos industrializados que se tornam cada dia mais necessários, uma vez que são idealizados pela sociedade de consumo. A imposição do modo de vida voltado para o consumo surge para atender aos interesses das grandes indústrias a fim de movimentar sua produção.

Os supermercados foram escolhidos para o estudo uma vez que ao se instalarem modificam toda a estrutura de uma determinada localidade como infraestrutura do local, a paisagem, o trânsito e entre outras mudanças físicas os supermercados trouxeram um novo modelo de consumir principalmente para as pequenas cidades que até pouco tempo não disponibilizavam um espaço destinado às compras com grande variedade de produtos e ofertas, marcas e modelos, além de um ambiente agradável que favorece as compras e o consumo.

É preciso pensar nessas mulheres, buscar respostas para inquietações como quem são essas mulheres? Onde trabalhavam anteriormente? Onde estão as mulheres nos supermercados? Assumem os cargos de chefia? Qual a função destinada a elas? Qual sua remuneração e principalmente quais são as condições de trabalho impostas para as trabalhadoras? São as questões que permeiam a pesquisa que pretende afirmar ou negar a existência do trabalho precarizado e em caso de afirmação, investigar a partir de quais condições é realizado esse trabalho.

As mulheres realizam sua atividade laboral nas atividades de menor remuneração salarial, conforme Nogueira (2011, p. 29) quando aponta que: “[...] a acentuada inserção da mulher no mundo do trabalho se dá prioritariamente nos espaços dos empregos precários, de baixos salários, de tempo parcial (ou nas jornadas de meio período), ou seja, com forte exploração da força de trabalho”. Estando as mulheres trabalhadoras presentes nas formas mais precarizadas de exploração do trabalho.

Consequentemente, a expansão do trabalho feminino tem se verificado sobretudo, no trabalho mais *precarizado*, nos trabalhos em regime de *part time*, marcados por uma *informalidade* ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas. (ANTUNES, 2009, p.108)

A mulher trabalhadora assume o enfrentamento quando sai de casa para realizar uma atividade laboral remunerada e para isso se sujeita as condições de submissão e precariedade para a realização da mesma. Realiza trabalhos determinados pela sociedade como masculinos em troca de remuneração inferior. Possui em alguns casos qualificações semelhantes ou até mesmo superiores a dos homens, mas encontra dificuldades em alcançar os cargos de chefia e salários compatíveis quando homens e mulheres realizam a mesma tarefa. Estão empregadas em trabalhos de baixa remuneração salarial e em muitas situações as profissões se tornam extremamente femininas, realizadas apenas por elas.

Em uma futura pesquisa que irá ser realizada espera-se então avaliar a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como o movimento de emancipação juntamente com as leis que asseguram o trabalho feminino, enumerando as questões pertinentes à divisão sexual do trabalho e a precarização do trabalho feminino.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a passos lentos em caminhos difíceis e pedregosos não se pode negar que houve um imenso e notável avanço na busca da mulher pela sua emancipação e a conquista por seu espaço no mercado de trabalho. Aquela mulher que no passado ficava em casa com a total responsabilidade do cuidado com os filhos e das tarefas domésticas, hoje enfrenta com muita garra e coragem jornadas duplas ou até triplas de trabalho fora e dentro de casa. Assume os mais variados papéis na estrutura familiar e principalmente em grandes momentos tem o papel de provedora financeira do lar, atuando ativamente no espaço produtivo e no reprodutivo instantaneamente.

Sua remuneração mensal não está em muitos casos apenas como complemento da renda mensal da família, e sim assumindo o papel principal no orçamento familiar. Então, por isso a mulher está presente no mundo do trabalho não apenas pela necessidade de emancipação, mas também para suprir as suas necessidades básicas de sobrevivência.

Resta saber agora quais são as condições que essas mulheres se submetem para realizar seu trabalho diário nesses supermercados e principalmente qual é essa remuneração paga pelas horas dedicadas para as tarefas determinadas.

Essa situação de desigualdade enfrentada pela mulher ao sair de casa em busca de um trabalho remunerado foi implantada e lhe é imposta pelo capitalismo que tem na exploração da força de trabalho humana seu principal instrumento de sobrevivência.

Abstract

The women are more present in public spaces occupying places that are their right, such as the universities and especially holding positions in jobs selling their labor power and receiving payment as a monthly salary, salary. And when they arrive at their homes to perform domestic labor in unpaid reproductive space. With the main focus on women workers of supermarkets in search of the endless struggle for inclusion and achievement of its space in the labor market is subject to conditions of maximum instability. What is proposed then, is to understand the role that women play in society today, as a housewife, mother, and when working as a contributor to the market economy, aiming at understanding the role of women as workers, putting focus on its historicity, their struggle, achievement and production, according to the analysis performed on female labor activity, as well as taking into account the gender relations in the workplace.

Keywords: Women. Work. Gender.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo L. C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Bom Tempo, 2009. 287 p. . (Mundo do trabalho).
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re) Produção do Espaço Urbano**. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**; a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri; ROSSINI, Rosa Ester. População e processo de estruturação do espaço geográfico. In: **Revista do Departamento de Geografia do Rio de Janeiro FFLCH – USP**. Rio de Janeiro, 1982.
- CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo**. 33. ed. São Paulo: Editora, 1994.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas: Papirus, 2008.
- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. 144p.
- DAMIANI, Amélia Luísa. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 1991. Coleção Caminhos da Geografia.
- FACHIN, Odila. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. V. 35, n. 3, p. 20-29. maio/junho 1995. São Paulo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatística/Trabalho e rendimento**. 08 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento>>. Acesso em out. 2012.
- _____. **Pesquisa Mensal de Emprego – PME**. Dia Internacional da Mulher. Mulher no Mercado de Trabalho. 08 de março de 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em jun. 2013.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização do mundo do trabalho**: entre a emancipação e precarização, Campinas: Autores Associados, 2004.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado**: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. 2 ed. — São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- ROCHEFORT, Michel. **Redes e Sistemas**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3. ed. revisada. Rio de Janeiro: DP e A, 2002.
- SANTOS, Milton, **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Desenho Societal dos Sem Terra no Brasil: uma contribuição à leitura geográfica do trabalho. In: **Pegada**, Presidente Prudente, v. 2, n. 2, 2001.

